

Pawel Gutko: A Construção de um Louco em Goiás

ÉDER MENDES PAULA.ⁱ

UFG – Campus Samambaia (Goiânia)

conversecomoeder@hotmail.com

Resumo

O destino de um governador deposto pela ditadura militar e um jovem radicado de guerra polonês se cruzam numa intrincada trama de possíveis espionagens, prisões e torturas na capital de Goiás. Assim, um personagem é construído, um louco e sua loucura produzidos de acordo com as práticas discursivas do contexto histórico.

Palavras-chave

Louco , Deposição, Tortura.

Abstract

The destiny of a governor deposed by the military dictatorship and a young-Polish-living-in-war get together into a complex plot of espials, prisons and torture in the capital of Goiás. Thus, a character is built, a madman and his madness come up in relation to the discursive practice in the historic context.

Keywords

Madman, Deprivation, Torture.

1- O Deslocado e o Governador.

“*P*olonês acusado de espião e louco diz que não conhece Mauro Borges e que a imprensa tem mentido muito.” Essa foi a manchete na qual a cidade de Goiânia viu estampada no jornal 05 de Março na manhã do dia 12 (doze) de abril de 1965. Tal notícia dizia respeito à deposição do então governador do estado de Goiás, Mauro Borges, que estava sendo acusado de subversão pelo regime militar.

O polonês não nomeado na manchete do jornal é Pawel Gutko, ou como era chamado em Goiás, Paulo Gutko. Seu envolvimento com a deposição de Mauro Borges se deve a declarações ditas por ele quando preso pela ditadura militar. Estas

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11 (27), 2010

Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394

Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>

deram respaldo para a intervenção do governo federal no estado de Goiás. Porém, após sua prisão e tortura o mesmo fora encaminhado para o Hospital Psiquiátrico “Adauto Botelho”.

“Olhos irriquietos, gestos imprecisos, gesticulação desordenada, de pouca fala, interrompida por demorados pontos vagos e cheio de reticências, arredio e desconfiado (diríamos que é um paranoico)” (Jornal 05 de Março, 1965). Estes elementos linguísticos utilizados de maneira precisa, logo abaixo da manchete do jornal supracitado, impede ao leitor uma reflexão a respeito deste personagem na medida que o mesmo já é sentenciado enquanto paranoico. Um silêncio delimita uma distância entre Mauro Borges e Pawel, assim configura-se o normal e o patológico. Tais palavras não são colocadas aqui como figuração, percebe-se as diferenças identitárias construídas a partir de uma atribuição de comportamento que delimita uma fronteira entre aquilo que é considerado sanidade ou loucura,

em nossas sociedades (e em muitas outras sem dúvida), a propriedade do discurso – entendida ao mesmo tempo como direito de falar, competência de compreender, acesso lícito e imediato ao corpus dos enunciados já formulados, capacidade enfim, de investir esse discurso em decisões, instituições ou práticas – está reservada de fato (às vezes mesmo, de modo regulamentar) a um grupo determinado de indivíduos (FOUCAULT, p. 75.)

Neste sentido, Pawel Gutko torna-se um paranoico pela interpretação de seus comportamentos. A afirmação feita pelo jornal se pauta na conduta de que um sujeito normal não assumiria tais gestos. Essa prerrogativa justifica o silenciamento feito ao acusado de subversão e loucura.

Todavia, ele é silenciado pelas vozes que o imputaram enquanto insano. Sua internação no Hospital Psiquiátrico “Adauto Botelho” legitima a tese de Mauro Borges e seus defensores que o mesmo não tinha noção do que dizia, ou seja, faltava com a verdade porque o discurso do louco é ignorado. Ainda na mesma reportagem de capa citada acima, afirma-se:

Nunca viu o Sr. Mauro Borges. Jamais acusou o sr. Mauro Borges ou seu governo nem conheceu tampouco sua conduta ideológica. Nunca teve conhecimento que o governador tivesse ligado a uma rede de espionagem, nacional ou internacional. Não acusou ninguém em seus depoimentos e a exploração que fizeram em torno de si é uma farsa. [...] Nada do que disseram os jornais a respeito de suas declarações é verdade. Houve uma manifesta intenção de distorcer seus depoimentos. Não sabe por quem, mas houve. (Jornal 05 de Março, 1965).

O papel do Hospital Psiquiátrico “Adauto Botelho” foi, neste sentido, o de legitimar a caracterização do considerado louco naquele momento, do padrão de comportamento enquadrado nos hóspedes do sanatório. Essa categorização é realizada via diagnóstico, através da produção de um laudo que atesta a insanidade dos indivíduos.

A acusação sofrida por Mauro Borges de pertencer a uma rede de espionagem, de ser ligado a partidos comunistas e promover subversão preocupava o regime militar. Pawel torna-se aqui uma figura que representa dois lados: primeiramente com a internação de Gutko e o laudo psiquiátrico, o então governador afastado poderia iniciar sua defesa desmentindo as acusações, e por outro lado este polonês também representava a preocupação do governo militar em relação ao comportamento da juventude na década de sessenta.

O comportamento dos jovens tido como transgressor, mostra-se como uma preocupação que redireciona o olhar da psiquiatria. Os médicos que atuavam naquele momento enxergavam esse agir da juventude como uma anomalia. A própria Antipsiquiatria que ganha força neste período na Europa é vista como um movimento que,

passou a ser tema preferido da juventude desajustada, dos portadores de conflitos sociais, mentais, sexuais, dos contestadores contumazes e foi usada como instrumento político de contestação e de desorganização social. Em maio de 1978, o médico italiano, Franco Basaglia, membro do Partido Comunista Italiano [anarquista e gramscista], conseguiu que o Parlamento de seu país aprovasse a Lei de nº 180 que acabava com os hospitais psiquiátricos. Em 1987, Roy Porter lançou o livro *Uma História social da Loucura*, repetindo a mesma cantilena antipsiquiátrica. (CHAVES, 2002, p. 05)

Neste contexto, de preocupação com o comportamento do jovem e de sua possível subversão, justifica-se a perseguição em relação a qualquer tendência que contrariasse os interesses ditatoriais que se manifestasse nas unidades federativas brasileiras. O golpe militar de 1964 ocorrido no Brasil, inaugura uma série de intervenções nos estados brasileiros com base em acusações de subversão, como acontece no caso Mauro Borges.

Vale ressaltar que Mauro Borges ao declarar-se inocente das acusações, o faz baseado na desconsideração das palavras de um indivíduo que é considerado louco. Essas desconfianças e acusações não surgiram aleatoriamente, o ex-governador do estado de Goiás manteve determinadas posturas ou relações que o colocaram em evidência. Como, por exemplo, a condecoração que lhe foi atribuída pelo marechal e presidente da Iugoslávia, Josip Broz Tito quando o mesmo visitou o estado em 1963.

O então governador em sua defesa coloca em cheque as palavras de Pawel quanto à sua “veracidade”, contestada pela sua insanidade mental. Neste momento em que lhe encaixam nos moldes da loucura, suas palavras deixam de ter importância. Ele deixa de ser um preso político e se torna membro de uma categoria relegada aos muros do Hospital “Adauto Botelho.”

Sua internação é realizada 14 anos após a chegada de sua família no Brasil. Fato que ocorre em 1951 quando o estado de Goiás colocava em prática um apoio a imigração de deslocados de guerra.

Em 1945, termina a Segunda Grande Guerra. E o Brasil é um dos países que assina acordo com a I.R.O. (International Refugee Organization), no sentido de acolher os imigrantes. Pode-se dizer que a abertura constatada na legislação de 1946 é de certa forma forçada pelas circunstâncias criadas com o final da guerra. Já em maio de 1947 começam a chegar os primeiros eslavos, os DP's. da Segunda Grande Guerra. (MAGALINSKI, p. 52)

Neste contexto, Goiás, representado por sua nova capital como marco de modernidade, se lança não só para o Brasil, mas para o mundo, pois, abre suas portas para receber os imigrantes. Sete anos após o batismo cultural de Goiânia, que ocorre em 1942, realizou-se a I Conferência Brasileira de Imigração entre os dias 30 de abril a 07 de maio de 1949. As discussões realizadas nesta conferência de grande magnitude, giraram em torno do compromisso de se receber os milhões de desabrigados que estavam nas partes devastadas pela guerra na Europa. A intenção tanto da esfera federal quanto estadual era de promover povoamento e desenvolvimento da região Centro-Oeste com auxílios dos deslocados europeus.

Porém, este fluxo migratório não era feito de maneira aleatória, havia uma intenção de se aproveitar a situação que se formava. No discurso do então governador de Goiás – Jerônimo Coimbra Bueno (1947 – 1950) – na abertura da I Conferência Brasileira de Imigração e Colonização, trata-se:

Estamos apenas antecipando – num esforço conjunto das autoridades federais e estaduais, mediante estudos e previsões racionais – a radicação planejada de grandes massas populacionais, que fatalmente seriam atraídas pelas linhas de transporte definidas, após sua instalação. As maiores esperanças de *progresso e engrandecimento de nossa terra residem no seu rápido povoamento*: e estes anseios se cristalizam na fé, que nos anima, de que o Brasil saberá tirar partido da atual situação internacional, canalizando para nossas terras o que de melhor podem ceder as áreas superpovoadas da Europa convulsionada – os seus filhos, as famílias que construíram a sua grandeza que tanto admiramos e que podem ajudar-nos na edificação de uma Pátria maior. (Conselho de Imigração e Colonização, p. 33 *grifo meu*)

Neste período do discurso supracitado encontra-se difundido entre os intelectuais brasileiros a busca pela nacionalidade brasileira. Neste sentido, a mesma é caracterizada como estando no interior, no dito sertão em dicotomia com o litoral,

que seria o local de uma civilização copista, como nos elucida Nísia Trindade Lima em seu livro *Um sertão chamado Brasil*. O homem sertanejo, no entanto, seria o exemplo maior da nacionalidade brasileira.

Cabe aqui salientar que, exatamente neste momento em que há exaltação do interior do Brasil, encontramos certa discrepância. Observemos um fragmento do discurso do então secretário de saúde, José Peixoto da Silveira na inauguração do Hospital Psiquiátrico Prof. Adauto Botelho:

Sr. Ministro, permite-me que vos apresente, em nome do Sr. Governador e do povo de Goiás, as nossas mais sinceras saudações extensivas aos vossos dignos auxiliares que convosco estão embrenhando-se pelos sertões a dentro, onde mora o *'cerne da nacionalidade'*, nesta jornada evangelizadora da saúde de nossa gente, nesta marcha benfazeja de luz e de fé." (Folha de Goiás 03/04/1954 grifo meu).

Curar o sertão, robustecer o homem brasileiro, torná-lo forte. Essa ideia de voltar os olhos para o interior do Brasil e valorizar o homem sertanejo, está presente na política brasileira desde os anos de 1930, na busca por um *tipo ideal de homem* que represente o país.

Em ambos os casos temos uma preocupação com o melhoramento do estado, quiçá do país. Porém, mostra-se que não há uma unicidade na intenção de uma purificação do sertanejo, e que o mesmo seja a representação de uma *nacionalidade brasileira*. No primeiro discurso percebe-se, de forma sutil, a intenção de se aproveitar a imigração dos deslocados para que os mesmos pudessem auxiliar na edificação de uma nova pátria, ou seja, de um novo homem goiano que pudesse fazer crescer economicamente a região como os deslocados haviam feito em seus países.

Nos dois casos encontramos princípios eugênicos, no primeiro, o melhoramento do sertão com base na miscigenação com os deslocados de guerra europeus. Assim, um novo homem surgiria e as técnicas, não apenas de labor agrícola, mas o caráter de desenvolvimento e progresso, poderiam ser colocados em prática com mais agudeza. No segundo, na lógica de curar o sertão, segue-se o afastamento daqueles considerados prejudiciais ao bem estar social e que poderiam transmitir seu fracos genes a gerações futuras: os loucos.

Porém, esses dois discursos se distam, no que concerne à nacionalidade brasileira. Enquanto, o primeiro, não apenas mantém a Europa sob seus olhos, mas tende a trazê-la para cá, visando possibilitar o melhoramento através do contato com o europeu. Dessa forma, assumindo identidade subalternizada em relação ao velho continente. O segundo segue o pensamento de purificação dos genes realizado através da higienização de sua população.

Observando a trajetória de Pawel Gutko em relação aos documentos citados, percebemos que sua chegada a Goiás está inserida na primeira perspectiva, a de formação de colônias europeias no estado. Sua internação, ocorrida posteriormente no Hospital Aduato Botelho, insere-se na segunda perspectiva, a de retirar do convívio social os que poderiam trazer males à sociedade.

Há indícios de uma insanidade mental, atestada pela família, e posteriormente por médicos do Hospital Aduato Botelho de Goiânia. Contudo, em seu livro “*Deslocados de Guerra em Goiás*”, Jan Magalinski traz à tona o fato dos imigrantes serem submetidos a exame psicológico antes de embarcarem para o Brasil. Ao chegarem aqui, eram outra vez repetidos os exames. Infelizmente, porém, essa pesquisa não pôde ter acesso a esses dados.

É claro que a prisão pode ter ocorrido de maneira arbitrária, que realmente toda a trama entre Pawel e Mauro Borges tenha sido imaginada, mas é possível também que se pense ao contrário disso. Dessa maneira o Hospital Psiquiátrico Aduato Botelho cercado pelo saber que lhe atribuiu poder, deu vazão para que as coisas tivessem se desenvolvido dessa forma. Assim, uma voz foi relegada a ser traduzida ao invés de ser ouvida, como está na reportagem descrita anteriormente.

Os médicos traduzem o limite entre viver e morrer, passam a direcionar dois caminhos para sociedade, um que na possibilidade da cura daria continuidade à vida, ou um outro que levaria à morte, solidão eterna, ao desconhecido. Neste sentido, os médicos são traduzidos enquanto mensageiros, enquanto normatizadores do bem-estar social. Dessa forma, os discursos produzidos pelos mesmos, no que diz respeito a comportamento social, são levados em máxima consideração. São atribuições de um poder que lhes permite ditar regras para uma vida saudável.

2- Psiquiatria: Produção do Louco e Uso da Loucura.

No mês de janeiro do ano de 1890 estava descrito no Relatório da Inspeção de Higiene Pública do Estado de Goiás o seguinte dizer a respeito dos alienados:

Infelizes porque a caridade pública parece esquecê-los e negar-se a estender-lhes a sua benfazeja mão, infelizes porque o governo até agora tem se mostrado surdo aos seus gemidos e quando alguma providência se toma é apenas para retirá-los da sociedade, quais animais hidrófobos [sic] e senão curá-los, mitigar os seus cruéis sofrimentos, prestando de acordo com a civilização real, serviço à humanidade e à ciência. (Relatório da Inspeção de Higiene Pública do Estado de Goyaz, Jan. 1890)

Homens e mulheres condenados pelas próprias ideias, tipos que vagavam no final do século XIX pelas ruas da antiga capital do estado, sem que houvesse um olhar

particular para o mal que os afligia. Aqui, o Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara, funciona como um depósito de todos os tipo de doentes, sem atendimento específico no caso dos que sofriam de males mentais.

Esse ato de amontoar pessoas, mesmo que o Hospital não fosse destinado a receber esses doentes, parecia ser visto como a grande caridade. Um serviço à humanidade no sentido de limpeza não só das ruas, mas no de evitar-se a agitação. Não se vê o aval da psiquiatria em si, mas a medicina mostra seu poder de intervenção e o poder que lhe está atribuído. Esse poder funciona como que um direito sobre o confinamento, inclusive para a realização de pesquisas científicas.

O relatório esclarece a situação destes que não eram até então em Goiás contemplados com uma especialidade médica. Estes que eram confinados no Hospital de Caridade, o eram devido ao comportamento fora da norma. Estes eram chamados muitas vezes de agitadores, ou portadores de vícios como o alcoolismo que eram recolhidos exatamente porque suas atitudes não eram condizentes. Tais indivíduos tornavam-se incômodo, o que levava a reclusão considerada um serviço à sociedade.

O esquecimento referido no documento supracitado é causado pelo ato de ignorar estes tipos urbanos. Os mesmos têm sua palavra invalidada pelo seu comportamento, dessa forma são lançados neste mar aberto. A própria preocupação dos autores do relatório não é com o seu silenciamento, mas com as pessoas sãs que numa atitude caridosa deveriam prestar socorro, mas sem que o seu discurso fosse necessariamente validado. Esse ato de reclusão visava a *salvação* da alma destes, que numa sociedade católica negavam a auxiliar esses ignorados transeuntes.

Haviam da mesma forma aqueles que não eram recolhidos ao Hospital, que se tornavam parte integrante da paisagem local, pois,

devido à perpétua escassez de água potável, com que a população da Capital se vê a braços o ano inteiro, principalmente nos meses de seca, há aqui uma verdadeira legião de carregadores e carregadoras, em que predominam os débeis mentais – ocupada na baldeação de água para as habitações.(PALACIN, 1976, p. 37)

Aos que podiam de alguma forma prestar um serviço público, que não representavam uma ameaça à ordem estabelecida ficava o direito de ir e vir, mas nem por isso é dada uma importância a constituição de seu ser. O que eram ou o que pensavam, não fazia diferença àqueles que faziam uso de sua força para determinados afazeres. Eram considerados *bobos* demais para perceberem a realidade e, neste sentido, tornavam-se prestativos, uma forma também de se verem inseridos em uma normalidade que de fato não os pertencia. Esse distanciamento era ocasionado de

acordo com as fronteiras demarcadas pelo estabelecimento de padrões comportamentais.

Até a construção do Hospital Psiquiátrico Prof^o. Aduino Botelho em Goiânia, a categoria louco não fazia parte efetiva da realidade do estado, não havia local de legitimação do discurso excludente. Sendo assim, arrisco aqui a dizer que não haviam determinados comportamentos regidos por normas de um saber científico, que estabelecesse padrões. Sem os espaços de emissão e legitimação do discurso excludente/enclausurador não há categorização de louco e conseqüentemente a produção da loucura institucionalizada.

É fato que indivíduos que se relacionam acabam por criar normas de convivência, que abarcam também os comportamentos. Porém, não funcionam enquanto um saber institucionalizado, sendo assim, passam a ser adaptadas nos diversos contextos sociais. Os loucos que hoje são excluídos, reclusos e silenciados em seus quartos brancos, anteriormente não o eram. Podiam tomar as ruas e partilhar do convívio social. Esse tipo de prática médica excludente surge com a criação dos hospitais e dos laudos médicos.

Esses homens e mulheres estiveram presente no cotidiano de várias cidades goianas, desde a antiga capital até à construção de Goiânia. Esses indivíduos que conviviam se não em harmonia, tinham trânsito livre, se sua voz era desprezada, tinham pelo menos a possibilidade de caminhar entre os demais. Alguns conheciam os nomes, outros os apelidos, mas cada qual dentro de sua particularidade, não eram confinados em um mesmo patamar, uma única categoria.

Na nova capital isso é sentido com mais intensidade, pois, na medida que a cidade cresce esses personagens parecem deixar de existir, mas na verdade eles se transmutam, não por si, mas pelo que dizem deles e de seus comportamentos.

Vão se acabando os nossos “tipos de rua”. Não se veem hoje como outrora os “Funga-Funga”, os “Zé Mangarito”, os “Antonio Louco” e outros, no espalhafato que armavam em plena via pública, cada qual na sua especialidade, acoçados pela garotada, e que fazia muita gente vir à janela. Desapareceram. (Revista Oeste, Julho de 1942)

Se encontra nessa edição da Revista Oeste um saudosismo em relação aos tipos urbanos que faziam parte da cidade, do convívio direto de seus habitantes, ainda não categorizados, ainda não confinados. Esse desaparecimento não deve ser visto como um sumiço, um deixar de existir, mas uma ausência ocasionada pela institucionalização.

A nova capital erguia-se para sustentar um número maior de habitantes, dessa maneira, isso transforma as relações sociais existentes. Sendo assim, determinados

indivíduos não figuram mais no íntimo da sociedade, mas são relegados a um esquecimento a partir de uma categorização. Antes sua fala poderia ser desprezada, agora além dela, sua própria imagem é retirada e colocada por trás de altos muros que impediam a qualquer um a sua visualização. Neste ínterim, são retirados da História os “anormais”, tornando-os parte de um vazio quase que eterno, representado apenas por tijolos empilhados, uma fortaleza que protege *os de fora*.

Essa ênfase na construção de um hospital para alienados em Goiás, justifica-se pela psiquiatria ser parte de um saber médico que atua com eficácia na vida dos indivíduos. Não diz respeito apenas a cuidados com higiene, como o que comer, o que vestir, onde morar, e como morar, mas como falar, o que falar, o que pensar, como andar, quando andar, como se comporta os olhos, os gestos. Em suma, uma economia do corpo que não está sustentada apenas na mente, nos delírios que são impalpáveis, mas na querência de localizá-los através do comportamento expresso pelo corpo. Assim, sua consolidação permite uma maior utilização deste saber, deste local do inquestionável, atuar com mais voracidade sobre o comportamento humano.

Neste sentido as fronteiras entre o normal e o patológico não se tornam apenas tênues, elas tornam-se múltiplas, mutáveis ao longo dos processos sociais. Variam de acordo com a própria sociedade, transforma a economia do corpo de acordo com as mudanças que ocorrem e os interesses dos produtores dos discursos. Cabia ao médico o papel de retirar dos tidos como “anormais” o direito de ser o que eram.

É interessante observar que essas relações de poder e essas fronteiras já existiam, porém, não institucionalizadas. As diferenças entre os tipos urbanos são demarcadas pelo direito de dizer, por mais que não houvesse o confinamento. A massificação de todos eles em uma única categoria de exclusão os tornaram invisíveis em suas particularidades. Isso cunhou exatamente a distância entre a relevância e a irrelevância das palavras de cada par opositor.

Examinamos uma pessoa do sexo masculino, cor branca, biótipo leptosomático, que aparenta a idade cronológica (30 anos). Identifica-se como sendo PAULO GUTKO de nacionalidade polonesa. O contato com o examinado se fez na sede do Batalhão da Guarda Presidencial, em Brasília. Mostra-se calmo, tomando postura correta. As vestes são sujas, mal cuidadas, exalando mal cheiro. Indiferente com sua aparência pois durante o exame, a sua roupa estava aberta, deixando à mostra os órgãos genitais. A fisionomia é estranha. O “rapport” se fez de maneira fácil e cordial, apesar de no início mostrar-se levemente desconfiado. Diz estar bem acomodado, pois o local onde se encontra agora é melhor do que esteve, em Goiânia. Também está satisfeito com seus carcereiros e com a alimentação. Perguntando qual a razão de sua permanência naquele local, no início diz ignorar a causa, pois é inocente. Só após alguma insistência nos revelou acreditar que sua prisão decorra de perseguição de algumas pessoas, as quais não mencionou nomes, que os acusavam, por inveja, por haver conseguido emprego no Departamento Cultural da Universidade Federal de Goiás. O conteúdo de seu pensamento é estereotipado. Faz referência durante toda a entrevista sobre seus estudos de vários livros escritos que serão publicados, sobre Oftalmologia. Informa ter descoberto um aparelho para a

cura da cegueira, do astigmatismo e miopia. [...] *Informa que se comunica com sua irmã Tatiana Gutko (falecida há muitos anos) a todo instante, pois ela está sempre ao seu lado. [...]* O paciente demonstra durante o exame, facilidade de expressão, ser portador de inteligência normal, sobretudo inteligência gnóstica e com facilidade para criar fantasias. Diante de um quadro tão rico em manifestações psicopatológicas, principalmente nas esferas perceptivas, volitiva e do juízo, julgamos desnecessário e até mesmo supérfluo exames subsidiários ou mantê-lo sob observação mais demorada para elaboração do presente laudo. Conclusão: em se tratando de uma pessoa na terceira década de vida de biótipo leptosomático, com comemorativos pré-psicóticos de personalidade esquisóide, em virtude do embotamento afetivo, um quadro de delírio sistematizado, da riqueza de alucinações auditivas e visuais, também pelo histórico de seu comportamento na cela (dado ao ato de coprofagia, da existência de solilóquios, risos imotivados, um quadro grave de agripinia e masturbação com exagerada frequência), não temos dúvida em classificar o examinado como portador de um quadro de esquizofrenia paranóide e sugerir a sua internação em Hospital Psiquiátrico. Em 03 de abril de 1965. Prof. Samyr Hifelou. Prof. Dr. Geraldo Brasil. (Laudo Psiquiátrico APUD BORGES, 1965, p. 233, *grifo meu*)

O resultado do laudo de Gutko é: esquizofrenia paranóide. Neste caso o paciente apresenta os chamados sintomas positivos em que figuram os delírios, pensamentos individuais não compartilhados pelos que o cercam. Acredita-se que sejam reservados, desconfiados e que podem ser agressivos. Antes de tal exame, Pawel foi submetido a uma sessão de torturas, o ato de coprofagia (comer as próprias fezes) ocorreu na cela em que estava preso após ser torturado. O fato foi presenciado por Hugo Brockes, amigo de Pawel, membro do governo de Mauro Borges, tal depoimento encontra-se relatado no livro de Pinheiro Salles, *A ditadura militar em Goiás: Depoimentos para a história*.

O laudo é uma descrição da situação física de Pawel e de determinações quanto a seu estado psíquico. Sua produção é cercada por um ritual, um interrogatório que visa perceber no *doente* aquilo que o torna diferente, comprovando sua incapacidade diante do mundo tido como normal. Esse, vamos chamar aqui de teatro, não no sentido da representação, mas da disposição da cena e dos personagens, é realizado mediante a presença de uma autoridade que dê validade ao mesmo. Não se restringe aqui apenas a presença dos médicos, mas de uma presença ausente que permite a avaliação pois,

uma pessoa chega a um hospital público, a uma clínica particular, com o diagnóstico e a presunção de loucura; ela só será efetivamente, estatutariamente designada e caracterizada como louca quando [for] feita uma perícia por alguém que terá recebido, para tanto, qualificação da autoridade civil e quando essa autoridade civil, isto é, a própria autoridade prefeitoral, assim decidir. (FOUCAULT, 2002, p. 120)

A própria avaliação realizada em Pawel estava de certa forma de acordo com o desejo das autoridades federais que o tinham em uma cela. Depois da tortura e dos

apelos dos familiares para a soltura, e com a deposição do governador, fica autorizada a visita dos médicos que o atestam como louco encaminhando o mesmo para o Hospital Psiquiátrico Aduino Botelho. Não percebe-se no laudo a possibilidade de se levar em consideração que o mesmo era preso político e que havia sido torturado, enfatiza-se suas características físicas, sua genitália à mostra, e os gestos que colocados enquanto desconexos dão mais legitimidade ao atestado de loucura.

Algo interessante nesse sentido, é a acusação de delírio, de que o mesmo mantinha conversações com a irmã que havia sido morta pelos nazistas. Há uma discrepância em dois documentos: no laudo, os médicos dizem que o mesmo afirma manter tal conversação, mas na reportagem citada no primeiro item traz: *“Não é verdade que tenha o costume de falar com sua irmã trucidada pelos nazistas alemães na guerra de 1944”* (Jornal O5 de Março, 1965).

Analisando de uma maneira completa, o mesmo nega o fato de ter conhecido Mauro Borges como também nega os delírios que dizem que sofre, mesmo internado possibilita um viés de sanidade no seu discurso abafado, quando desmente o seu depoimento acerca das acusações feitas ao ex-governador. Também nega a loucura que dizem guiar seus pensamentos colocando-o como sujeito nulo e incapaz.

Os dizeres sobre o que é normalidade e anormalidade são colocadas então, entre duas autoridades que de certa maneira se completam: a autoridade médica e a autoridade civil. Essa relação está presente desde a consolidação da psiquiatria no Brasil, fato que ocorre já no século XX. Diante de um tratamento que era de responsabilidade das Santas Casas de Misericórdia os médicos começam uma busca por consolidar seus conhecimentos, encontrar uma linha de atuação e exercer a psiquiatria no Brasil de uma maneira científica não vinculada à religião.

Busca-se tornar a psiquiatria algo mais científico, com características próprias, onde já no seu início encontra-se denúncias acerca do HNA (Hospital Nacional de Alienados) em que o mesmo parece funcionar como um depósito de pessoas pobres. Um confinamento aos comportamentos não aceitos pela sociedade vigente, sem vistas a tratamentos mais sistematizados.

O estado de Goiás neste momento passa por discussões ressuscitadas por Pedro Ludovico Teixeira sobre a transferência da capital, a psiquiatria aqui não tinha ainda se consolidado dada a distância do estado com as demais unidades federativas, o que dificultava sua participação em tais debates, porém, não muitos anos depois, a psiquiatria se faz presente quando se dá a inauguração do Hospital Psiquiátrico Aduino Botelho no ano de 1954.

Esse ideal de uma nova capital, catalisou discursos acerca de uma modernidade que a psiquiatria auxiliaria a consolidar, mediante aplicação de uma certa eugenia

que projetaria um novo homem para esse chamado “sertão”. A modernização almejada tanto pela esfera estadual como pela federal neste momento justifica a construção do hospital psiquiátrico na cidade de Goiânia, exatamente pelos princípios eugênicos presentes na psiquiatria que neste momento sofre influência da psiquiatria organicista alemã,

os psiquiatras brasileiros abandonarão a ideia de arianização ou de embranquecimento progressivo e vão reter do racismo a ideologia de “pureza racial”, peculiar aos países europeus e à América do Norte. A passagem de uma a outra dessas teorias coincide com a evolução do ideal eugênico. À ideologia do embranquecimento racial corresponderia a noção de eugenia como “higiene psíquica individual” e à ideologia de pureza racial corresponderia a noção de eugenia enquanto “higiene social da raça”. (Op.Cit. p. 33)

O estado de Goiás na terceira década do século XX também sofre os impactos da revolução de 1930 que implica novos governantes e uma mudança na sua estrutura política. Tal modificação se dá de maneira abrupta no sentido dos discursos sobre a situação da população. Neste momento, Pedro Ludovico Teixeira¹ surge como uma personagem dessa transformação política e cultural.

Sua formação permitiu que seu discurso acerca da antiga capital e sobre Goiás fosse validado com mais firmeza. Enquanto médico procurou descrever a situação de maneira a exaltar os problemas de higiene e saúde que atingiam a população goiana, dessa forma conseguindo subsídios para realizar suas estratégias políticas como a construção de uma nova capital. Neste sentido, intensificava a ideia de que o estado estava em uma total precariedade e que a população deveria ser curada, higienizada para que Goiás pudesse alcançar um patamar superior, o patamar da modernidade.

Esses discursos visavam construir um homem apto ao trabalho, já que o mesmo era visto como algo intrínseco ao homem saudável, não estar apto a realizar tais tarefas colocava o indivíduo em situação de anormalidade. Esse ideal é disseminado a partir do discurso de que seria através de uma população saudável que se poderia alcançar um melhoramento econômico. Por consequência deixar o estágio de precariedade em que o estado se encontrava.

As doenças e comportamentos poderiam ser normatizados com a medicina que será institucionalizada a partir da criação da sua Faculdade de Medicina, fato que desde os anos de 1950 já mobilizava a classe médica. A visão que se percebe é realmente a de um estado sertanejo, com grande parte da população ocupando a zona rural e uma tentativa de se fixar esse homem, de melhorá-lo para o trabalho, de

¹ O mesmo, interventor do governo revolucionário é pai de Mauro Borges já citado nas páginas anteriores deste trabalho.

conduzi-lo à representações de saúde e bem estar podendo elevar as condições de Goiás. Isso seria possível com a Faculdade de Medicina elaborada de certa forma a auxiliar nesse débito com o meio rural e nessa preocupação com esse homem.

A classe médica goiana organizada passa a defender a sua faculdade de medicina, buscou apoio em outras localidades. Durante o 1º Congresso da Associação Médica Brasileira, realizado em Ribeirão Preto no ano de 1956, esteve presente o representante da Associação Médica de Goiás, Dr. Francisco Ludovico de Almeida que pronunciou algumas palavras:

A carência de luz elétrica, de água canalizada e de ambiente hospitalar e mesmo a falta de uma vida social mais intensa, são condições que amedrontam os moços acostumados ao asfalto. Por outro lado, também a *ideia de isolamento* e da rotina faz, com justa razão, que o recém saído da Escola, cheio de planos para o futuro, não se sinta encorajado para enfrentar regiões tão inhóspitas.[...] obrigatoriedade a todos os alunos que se formarem por essa Faculdade de trabalhar um ano em localidades do interior do Estado, onde não exista profissional de medicina radicado. (Revista Goiana de Medicina, Jan.-Fev. 1957 *grifo meu*)

A faculdade de medicina era ainda um plano, não estava consolidada, mas expressa-se nessa fala a preocupação com o homem do campo. Goiânia não se torna apenas um local privilegiado, a representação da saúde do estado, mas se distancia do isolamento. O isolamento aqui colocado não é o trabalhado por Luís Palacin, de Goiás em relação a outras localidades, mas falo do interior em relação à capital. O que se levanta dessa narrativa composta pelo representante da Associação Médica é a composição de um sertão dentro de um outro sertão, uma sobreposição discursiva com base na construção de uma identidade saudável para a nova capital.

O que chamo de sobreposição discursiva atua na possibilidade de emergir de um mesmo local representações diferentes, que tratam de um processo de autofirmação como é o caso de Goiânia. A capital se torna o espelho do estado, é necessário que a mesma seja vista como diferente desse ruralismo em que ainda se encontrava Goiás. Se o homem da cidade fosse curado, o sertão moderno já estava existente, porém, ainda se encontrava delimitado por fronteiras sanitárias no caso da zona rural. Têm-se aí a construção de um sertão dentro do sertão; o que não diminui a importância de estabelecer a cura do sertanejo, de torná-lo apto para o trabalho físico e mental.

Em um dos discursos de inauguração do Hospital Psiquiátrico Profº Aduauto Botelho em Goiânia, o então presidente da instituição Dr. Geraldo Brasil disse as seguintes palavras endereçadas ao Ministro da saúde que se encontrava presente na solenidade:

Foi para nós, do coração do Brasil, nós que marchamos para o Oeste num verdadeiro sentido de brasilidade, motivo de grande júbilo a criação do Ministério da Saúde. [...] Como é do vosso

conhecimento, vosso idolatrado Pai, pioneiro da emancipação do serviço de saúde no Brasil, afirmou em 1930, que: “Não havia ainda penetrado em todas as consciências, que a primeira riqueza de uma nação, é o homem, o seu sangue, o seu cérebro e seus músculos e que ela estaria fatalmente condenada a decadência, quaisquer que fossem os tesouros que encerrassem quando o homem que os habitasse nos os merecesse.” [...]

Mais adiante, se refere ao médico Adauto Junqueira Botelho que também estava presente na solenidade:

Para atender as exigências das modernas correntes psicodinâmicas o serviço de Higiene Mental tão sobranceiramente por vós impulsionado é por demais justificado e coaduna-se perfeitamente com o presente e o futuro da psiquiatria. Hoje mesmo tivestes oportunidade de encarecer o valor desta *medida profilática*, ao afirmar que o aumento das psicopatias acompanha o avanço da civilização. Esta assertiva aparentemente paradoxal esta coerente com o que observamos. (Folha de Goiás 03/04/1954 grifo meu)

Neste documento podemos perceber a contextualização que se constrói possibilitando a constituição de uma identidade para o louco neste período, em que os ideais dos discursos emitidos durante o governo revolucionário de 1930 parecem se consolidar nas ações realizadas na década de 1950. Pode se observar no último trecho do documento, que de fato os psiquiatras se sentem higienistas, a intenção não é curar, mas realizar uma profilaxia. O Dr. Geraldo Brasil recorre à Marcha para Oeste na busca pela brasilidade, por uma nacionalidade que seria autêntica e que parece haver sido encontrada, ao assumir tal identidade, como sendo representante dessa brasilidade. Outro trecho que nos traz à contextualização é: “*A primeira riqueza da nação, é o homem*”.

Ao citar o pai do Ministro da Saúde refere-se à importância do trabalho, porque é exatamente dos braços, ombros e sangue deste homem que se pode produzir a verdadeira riqueza da nação. Tal documento não escapa à própria produção narrativa, o retorno ao passado para realização da busca de sentido para o que naquele momento era o presente, dessa forma, “*a narrativa histórica, se trata afinal de contas da identidade daqueles que têm de produzir esse sentido da narrativa (histórica), a fim de poderem orientar-se no tempo. [...] A narrativa histórica é um meio de constituição da identidade humana*” (RUSEN, 2001, p. 64).

Nesse resgate das viagens civilizatórias aqui no documento não só assume a identidade sertaneja, colocando-se como produto do imaginário de 1930, como também traz as justificativas necessárias para a atuação do governo no sentido de buscar uma cura e profilaxia para o sertão, na intenção de se projetar um novo homem que representasse a *nação* brasileira e é claro o próprio estado de Goiás enquanto moderno.

Às dezessete horas do dia quatro de abril do ano de 1954 tinha início no setor Nova Vila a cerimônia de inauguração do Hospital Psiquiátrico Prof^o. Aauto Botelho, este nosocômio que seria a futura *prisão* de Pawel Gutko foi entregue à sociedade em grande estilo, estando presentes o próprio Aauto Junqueira Botelho, o ministro da saúde Miguel Couto Filho, o governador Pedro Ludovico Teixeira, entre outras personalidades.

Como que numa espécie de agradecimento a Deus por sua existência, ou autorização do mesmo para funcionamento, o Pe. Luiz de Matos efetuou a benção do nosocômio. Isso nos remonta a tempos anteriores, quando a igreja católica era responsável pela manutenção dessas instituições. É claro que neste momento a sua influência não será tão grande como antes, porém, a sua presença ainda se faz de forma marcante, como se não houvesse uma confiança, uma certeza de um bem estar para a instituição caso não realizasse a cena da benção. Foucault em seu livro *História da Loucura*, nos traz a presença marcante da igreja católica quando os leprosários começaram a ser povoados pelos loucos, esses locais passam a funcionar como uma espécie de caminho para o céu, para a redenção dos pecados, tanto de quem lá estava internado como para quem lá trabalhava. Assim, é feita a inauguração do nosocômio, nessa perspectiva da caridade, o Secretário de Saúde, José Peixoto da Silveira pronuncia em seu discurso:

E ao ensejo da inauguração do Hospital Prof^o. Aauto Botelho, eu me felicito, e a todos vós, pela oportunidade que se nos depara, pelo motivo que aqui nos congrega, fazendo-nos vibrar no mais puro e santo entusiasmo, em que nos despersonalizamos, para nos integrar na grande epopeia do amor aos nossos semelhantes.

Este nosocômio nasceu por força do convênio assinado no início de 1947, entre o S.N.D.M., pelo seu Diretor Prof^o. Aauto Botelho e o Estado de Goiás, pelo Senador Dário Cardoso, como representante desta Unidade da Federação, tendo sido as obras contratadas com a Firma Goianenge que a iniciou em 1948. (Folha de Goiás 03/04/1954).

Vistos apenas como um grupo de desassistidos, a construção do sanatório tem como objetivo auxiliar os necessitados, neste sentido, parece que a intenção não é apenas de confinar os inadaptados, porém, não é a realidade mostrada pela atuação do hospital nos anos em que esteve funcionando. Ao delimitar o louco neste primeiro período que se inicia no ano de 1954, a preocupação foi a de auxiliar nesse processo de limpeza social evitando que a degenerescência fosse transmitida a gerações posteriores. Aqui já nos cabe concluir depois de toda a contextualização a intenção que se tinha em relação ao homem sertanejo, e, no caso específico ao goiano; no mesmo documento acima citado o secretário de saúde ainda expõe:

Dentre os deveres primordiais do Governo nenhum pode sobrepor-se ao de assistir à saúde do povo; este problema no nosso vasto Brasil encerra tamanha gravidade, tal amplitude e magnitude, que para ele se deve atentar com grande patriotismo; os recursos e os esforços máximos do Governo precisam ser mobilizados para curar, robustecer e valorizar o homem brasileiro.

Sintetiza-se nestas palavras, o zelo de um homem pela vida de nossa gente, e definem-se os propósitos do Governo de promover o aperfeiçoamento da nossa raça.

Política e medicina estão aqui colocadas como que de mãos dadas na tarefa benéfica de projetar um novo homem para a representação da nacionalidade, o cerne de uma brasilidade que não estaria no litoral, mas cravada no coração dos chamados sertões. O Estado é tido como veículo condutor porque possui a possibilidade de colocar o controle exercido pela medicina, e aqui no caso a psiquiatria, em prática. Esse enlace proporciona a legitimação dos discursos excludentes tanto por parte do governo como por parte dos médicos.

Seria algo como a metáfora de um corpo, um organismo vivo em que o dever do Estado é a proteção de seu povo. Tal política é colocada em prática por Vargas e seguida pelos seus representantes nas federações, que auxiliam na composição de um governo que é visto como a cabeça, parte responsável pela percepção daquilo que faz mal ao seu componente físico. Contribuição maior sobre essa metáfora da nação enquanto corpo nos dá Alcir Lenharo em sua obra *Sacralização da Política*, em que elucida a forma como o Estado se atribui tal imagem, quando se “*apresenta como o único sujeito histórico adequado ao país para aquele momento (1937) e, ao mesmo tempo corretor da sua linha de evolução histórica*” (LENHARO, 1989, p. 13).

Torna-se então função do governante, elaborar políticas que visem à saúde dos seus, retirando de sua corrente circulatória os ‘vírus’ que poderiam adoecer-lhe, tornando o corpo frágil, passível de mais infecções que o fariam sucumbir. Dessa forma, ao se referir à ‘purificação de nossa raça’, entende-se a exclusão daqueles que poderiam atribuir fragilidade genética às gerações futuras, comprometendo a pretensa modernidade que se tinha como expectativa. A própria caridade discutida em documento anterior não é simplesmente aquela aprendida nos bancos das igrejas, ela deixa de ser algo apenas divino, e no caso individual, para ser a salvação de uma nação inteira sendo representada como um dever patriótico.

Neste ano de 1954 faziam três anos que Pawel Gutko chegava ao Brasil. Nessa contextualização sua família se dirige para a cidade de Ceres, onde seu pai se torna professor no Ginásio Imaculada Conceição. Permanece na cidade por um ano, dirigindo-se posteriormente para São Paulo onde passa a trabalhar no Moinho Santista e na Quimbrasil como tradutor e correspondente em línguas estrangeiras, afastando-se de Goiás por cerca de dez anos.

A vinda de imigrantes para o estado como já foi dito acima, trata-se da tentativa de auxiliar no desenvolvimento da agricultura de Goiás. Diante do quadro que agora aqui se desenha, da importância de trazer ao homem do campo uma nova imagem, em que o seu trabalho seria de suma validade para o bem do estado e também da nação brasileira, muitas famílias dirigiram-se para o interior. Como já explicitado, há até uma discrepância no que diz respeito a essa profilaxia, a essa *raça brasileira* que se buscava, diante da intenção de que os imigrantes pudessem transmitir seu potencial aos goianos radicados próximos de suas colônias.

Nestes primeiros anos de atuação do hospital psiquiátrico, em que o mesmo age como legitimador dos discursos acerca da raça, da eugenia, da exclusão dos não adaptados e dos que poderiam causar males a sociedade, isso inclui os ditos *vadios*, que tinha código previsto em lei autorizando sua prisão, sendo que muitos eram levados à internação.

Gutko neste sentido, faz parte já da segunda década de existência do Hospital Aduino Botelho, isso implica uma modificação na atuação, nas internações e, a no fim das contas na própria conceituação de louco e loucura em Goiás. Não que essas realizadas na primeira década sejam esquecidas ou não mais praticadas, mas exatamente porque muda o contexto político do país, e, como já dito acima, medicina e política vivem um enlace que neste momento ainda é existente. O cordão umbilical em relação à psiquiatria só será cortado em meados da década de 1970 devido à luta antimanicomial.

O retorno de Pawel para Goiás se dá em torno de 1963, seus pais já estão residentes em Goiânia, visto que seu progenitor passara a lecionar línguas eslavas na Universidade Federal de Goiás no referido ano. Em São Paulo, Gutko presenciara um acidente de automóvel em que alguns amigos seus perderam a vida queimados, diante de quadro tão trágico procurou ajuda de um psiquiatra, mais precisamente o Dr. Maurício do Amaral, que clinicava na Rua Francisco Matarazzo. Mesmo com o tratamento nosso personagem retorna para Goiás, procura amparo da família que ainda estava em Rialma, e, após a chegada do mesmo, só no mês de Junho é que todos seguem para a capital.

Em Goiânia, o senhor Joroslav Gutko passa a lecionar na Universidade e o filho a não ter ocupação alguma, permanecendo assim por algum tempo. Antes do mês de março lecionava inglês para duas pessoas até o momento de sua prisão. Era uma tarde do dia 22 de julho de 1964 quando Gutko saiu de casa para comprar jornal em banca de revista na av. Goiás em frente ao Grande Hotel. Lá chegando encontrou um senhor para quem já havia ministrado aulas de inglês e ficaram conversando; num determinado ponto do diálogo foram abordados por um homem em trajes civis que

declarou a prisão do ex-aluno de Pawel. O mesmo diante do acontecido despediu-se e saiu em retorno à sua casa quando foi indagado pelo mesmo homem se seu nome era Marcelo, mesmo negando e mostrando sua identificação foi também declarado preso.

Mais tarde, um sargento do Exército juntamente com o homem que havia efetuado a prisão se dirigiram até à casa de Gutko e realizaram apreensões de revistas, livros e correspondências que eram de sua posse. Depois desse dia a família não recebeu notícias durante um bom tempo. Quase um mês depois, mais soldados voltaram à casa e fizeram uma nova varredura levando pertences do pai de Pawel, Joroslaw Gutko, e declarando sua prisão. O mesmo foi levado para o Quartel do 10º Batalhão onde esteve preso até o dia 12 de outubro daquele ano. Joroslaw só voltou a ver o filho na madrugada do dia 13 quando foram transferidos juntos com outros presos para Brasília, porém, o mesmo foi libertado dois dias depois e o filho mantido ainda no cárcere.

O progenitor sentiu-se demasiadamente emocionado e condoído ao ver o filho no momento da transferência para Brasília, o mesmo se encontrava com as roupas rasgadas, estava em um estado que o mesmo não o tinha visto antes. Durante a viagem para Brasília, tentou conversar com o filho diversas vezes notando que o mesmo estava nervoso, que fumava compulsivamente e que apagava os cigarros no dorso da mão, porém, Pawel respondia ao pai secamente que era Jean Fouchet, que não se chamava Pawel Gutko.

No momento de sua saída da prisão em Brasília, Joroslaw chegou a se aproximar do filho antes de deixar a cela e lhe perguntar porque havia feito declarações falsas, o mesmo lhe respondeu, em copioso choro, que fora obrigado por causa das torturas que passara no 10º Batalhão. Nesse momento o pai lhe percebe lucidez, percebe que o filho fizera tais declarações sobre intensa tortura que o fizeram a cometer o ato de coprofagia.

Sua prisão, sua tortura, sua confissão, são partes importantes para entender a psiquiatria em Goiás e a atuação da mesma tendo como legitimador do discurso excludente o Hospital Psiquiátrico Aduauto Botelho. Desde a sua inauguração, o nosocômio possibilitou a institucionalidade da classificação dos indivíduos, da delimitação de fronteiras entre comportamentos normais e anormais.

Em um primeiro momento, a atenção estava vinculada à ideia de modernização, de purificação de uma raça, de se excluir aqueles ditos perigosos para o bem estar social. Porém, os contextos mudam. Quando Gutko é preso a atenção não está voltada mais para os comportamentos dos ditos vadios, alcoólatras, mas para uma juventude que poderia estar envolvida com subversão, essas ações eram guiadas pelo imaginário social da época que enquadrou os comunistas como um perigo social.

O que nos interessa perceber aqui é a natureza de seu discurso, analisar como este dentro dessa intrincada trama foi ouvido depois desprezado com base na loucura que lhe foi atribuída. Entender que mesmo que realmente tenha feito as declarações apenas sob tortura e que tudo que dissera fosse fruto apenas de sua imaginação, não nos furta observar que mesmo assim, a ele não era dado o direito de negar o que disse, o mesmo foi silenciado, ainda que para escapar da prisão e das torturas, o discurso psiquiátrico se apoderou de seu corpo, de sua fala, disse sobre ele, através dele, para que houvesse crédito de que sua loucura era real, ou que havia inventado, que havia mentido, mas uma mentira que auxiliou na deposição de um governador.

Neste caso, a *mentira* torna-se ao mesmo tempo sua salvadora – se pensarmos realmente nisso – e também sua castradora porque lhe retira o direito de dizer, de ser, porque passa ser dominado por todo um saber, o saber psiquiátrico, seu comportamento está enquadrado, está categorizado. Pawel Gutko deixa de ser o polonês radicado devido à guerra e se torna um louco, como tantos outros levados ao silenciamento, deixados por detrás dos muros para o esquecimento.

O louco em Goiás, já estava identificado, sua identidade estava construída e seu lugar estava definido. Se antes da construção do manicômio havia uma relação entre a população e aqueles que, sofrendo de algum distúrbio da norma, encontravam-se ainda presente no corpo social, mesmo que como um errante pelas ruas, agora não mais. Há um local para ele, seu nome ou apelido é substituído pela categoria de ‘doente mental’, que no final da década de 1950 mostra-se definida, como se pode observar no artigo de Alfredo Paes² publicado na ‘Revista Goiana de Medicina’ do ano de 1959 intitulado de ‘Insanos Moraes’: “*Personalidade normal, é aquela: livre de sintomas, desembaraçada de conflitos, dotada de satisfatória capacidade de trabalho, apto para amar o próximo como a si mesmo.*”

Essa definição, essa nomeação que se tem no presente artigo nos traz agora dentro da psiquiatria a preocupação de tornar o homem apto para o trabalho, este visto como algo não apenas necessário à sobrevivência individual dado ao modo de produção vigente, mas como um dever patriótico de cada componente social. Ainda neste meio uma certa dose de religiosidade, uma presença cristã mas que não define as palavras, não define *amor*. Se a própria homossexualidade é considerada uma doença, a própria palavra *próximo* carece também de uma explicação mais aprofundada, ou estes não teriam a capacidade nem de amar, nem de ter um próximo?

² Durante o ano de 1959, atuou como Neuropsiquiatra do Hospital Psiquiátrico Prof. Adauto Botelho – Goiânia, Goiás.

Mais adiante, realizando uma classificação, uma relação das causas de insanidade ele acrescenta:

b) Educação defeituosa:

A) Disarmônicos: sobreexcitáveis-explosivos, Instáveis-faltos de perseveração, débeis de vontade, Instintivos ou vagabundos-tendência às toxicomanias em geral, Fraudadores e mentirosos-pseudologia fantástica, Insociáveis ou anti-sociais – ausentes de sentimentos éticos ‘loucos morais’, Pseudopleitistas – discutidores (discutem por esporte).

B) Paredônicos: São os que apresentam perversões da função sexual traduzidas no impulso genético; sadismo, fetichismo, exibicionismo (exposição dos próprios órgãos genitais e masturbação em público), ninfomania, satiríase, homossexualismo, necrofilia (coabitação com cadáveres), bestialidade (congresso com animais).”

Um pouco mais adiante finaliza:

“Um indivíduo portador de insanidade moral apresenta desordem na esfera do sentimento, temperamento ou hábito, com as funções intelectuais quase que íntegras. É a ‘Moral Insanity’ de *Prichard* e vive por meio de uma norma de moralidade de pensamento subjetiva determinada por seu próprio prazer ou por artifícios. Não reconhece que existe um padrão objetivo para o certo e o errado, permanente e independente do seu ponto de vista.” (Revista Goiana de Medicina Julho/Setembro 1959)

A caracterização da personalidade tida como normal por Alfredo Paes estrutura o indivíduo que seja normal como estando livre dos conflitos, pressupõe e atua de forma a incluir dentro de uma categoria de exclusão social, outros grupos sociais que estejam fora da heteronormatividade cristã e alienada para o mundo do trabalho.

O autor ainda especifica claramente a categorização dos que ele chama de ‘vagabundos-tendência’, dos que discutem por esporte. Aqui estão encerrados aqueles que não se enxergam enquanto membros responsáveis pela edificação do estado e do país através do trabalho, e, os que contestam as normas estabelecidas. O autor deixa claro que os ‘Insanos Morais’, possuem uma moralidade subjetiva criada por eles mesmos, não reconhecendo um padrão de certo e errado estabelecido pelo Estado.

Aqui o que está sendo julgado e interditado, é a consciência do indivíduo, o impedimento de pensar e agir fora dos padrões que determinam as diferenças entre certo errado, verdade e mentira, em que o comportamento social é pautado. Assim, as zonas de exclusão em torno do considerado normal e do anormal são traçadas a partir desses discursos que constroem essas identidades, que tem como emitente o Hospital Psiquiátrico, que se torna símbolo dessa exclusão considerada limpeza, onde são trancafiados os discursos que poderiam vir a contrapor a norma vigente nos diferente contextos históricos. No caso de Goiás, percebe-se a preocupação com higienização e sanitização na década de 1950 até 1960, quando o comportamento passa a ser mais

abarcado pela psiquiatria até meados da década de 1970 quando se tem início as denúncias e a luta antimanicomial.

Referências

BOCK, Ana *Indivíduo Sociedade: uma relação importante na psicologia social* In: A Perspectiva Sócio-Histórica na Formação em Psicologia Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

BORGES, Mauro *O Golpe em Goiás – História de uma traição* Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

_____ *Tempos Idos e Vividos – Minhas Experiências* Goiânia: Ed. Agência Goiana de Cultura, 2002.

BROCKES, Hugo *Que não se permita a volta da ditadura* In: (org.) SALLES, Pinheiro *A ditadura militar em Goiás: Depoimentos para a História Goiânia: Poligráfica Off-Set, 2008.*

CHAUL, Nasr Nagib Fayad *Caminhos de Goiás: Da construção da decadência aos limites da modernidade* Goiânia: Ed. UFG, 1997.

COSTA, Jurandir Freire *História da Psiquiatria no Brasil* Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.

FOUCAULT, Michel *A Ordem do Discurso* São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de *Saúde e Doenças em Goiás – A medicina possível* Goiânia: Ed. UFG, 1999.

HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder *O Imaginário Moderno no Brasil* In: *A Invenção do Brasil Moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30* Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

LENHARO, Alcir *Sacralização da Política* Campinas: Ed. Papirus, 1986.

LIMA, Nísia Trindade *Um Sertão chamado Brasil* Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1999.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso *Imagens e Mudança Cultural em Goiânia* 1999.

Dissertação de Mestrado, Goiânia: Departamento de História, Universidade Federal de Goiás.

PERLBART, Peter Pál *Manicômio Mental – A outra face da clausura* In: Saúde Loucura nº 02 São Paulo: Ed. HUCITEC, 1990.

RUSEN, Jorn *Razão Histórica* Brasília: Ed. UNB, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva *Identidade e Diferença* Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

Fontes eletrônicas:

CHAVES, Vitor Leonardo da Silva *Antipsiquiatria* 2002. Disponível em: www.alertamedico.med.br. Acesso em: 20 Março 2009.

Documentação:

ARQUIVO PÚBLICO DE GOIÁS, Goiânia. *Jornal Revista* Abril de 1970.

_____ *Jornal Revista* Maio de 1970.

_____ *Jornal Folha de Goiás* Abril de 1954.

_____ *Jornal 05 de Março* Abril de 1965.

_____ *Jornal 05 de Março* Junho de 1970.

_____ *Jornal Opção* Junho de 1997.

_____ *Jornal da Saúde* Dezembro de 1989.

FACULDADE DE MEDICINA (UFG), Goiânia. *Revista Goiana de Medicina* Julho/Setembro de 1959.

_____ *Revista Goiana de Medicina* Janeiro/Dezembro de 1966.

_____ *Revista Goiana de Medicina* Janeiro/Junho de 1969.

_____ *Revista Goiana de Medicina* Janeiro/Junho de 1970.

ⁱ Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás.